

As formas de tratamento nominais *rapaz* e *cara* no falar de Fortaleza – CE: *um estudo variacionista*

The first of personal pronouns *rapaz* and *cara* in the speech of Fortaleza - CE:
a variationist study

Aluiza Alves de Araújo*

Universidade Estadual do Ceará (UECE/Brasil)

Tatiane de Araújo Almeida Studart Guimarães*

Universidade Estadual do Ceará (UECE/Brasil)

Maria Lidiane de Sousa Pereira*

Universidade Estadual do Ceará (UECE/Brasil)

RESUMO

Neste trabalho, investigamos a variação entre as formas de tratamento nominais *rapaz* e *cara* no falar de Fortaleza – CE, sob os alicerces teórico-metodológicos da sociolinguística variacionista (LABOV, 1994, 2006, 2008; WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006). Nosso objetivo é analisar a atuação de fatores linguísticos e extralinguísticos sobre o uso, principalmente, da forma de tratamento *rapaz*. Para tanto, utilizamos uma amostra de linguagem falada composta por 53 informantes extraídos do banco de dados do Projeto Norma Oral do Português Popular de Fortaleza (NORPOFOR). De um total de 130 dados, vimos que o uso da variante *rapaz* (65,60%) prevalece sobre o uso da forma *cara* (35,40%). De igual modo, verificamos que, na amostra de fala estudada, os fatores extralinguísticos que mais favorecem o uso da variante *rapaz* foram, nesta ordem decrescente de importância: escolaridade (*falantes com 0-4 anos e 5-8 anos de escolaridade*), sexo (*masculino*) e faixa etária (*falantes com 26-49 anos*) e, dentre os fatores

* Sobre a autora ver página 65.

linguísticos, a posição da forma em relação ao verbo (*termo isolado*) se apresentou como aliado da forma *rapaz*.

PALAVRAS-CHAVE: Formas de tratamento. Rapaz vs. Cara. Falar de Fortaleza.

ABSTRACT

*In this work, we investigate the variation between the personal pronouns *rapaz* and *cara* in the speech of Fortaleza - CE, in the light of the theory and methodology of the variationist sociolinguistics (LABOV, 1994, 2006, 2008; WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006). Our aim is to analyze the performance of linguistic and extralinguistic factors on the use, mainly, of the form of treatment *rapaz*. To do so, we use a sample of spoken speech composed by 53 informants extracted from the data bank of the Project Oral Norm of the Popular Portuguese of Fortaleza (NORPOFOR). Of a total of 130 samples, we've seen that the use of the variant *rapaz* (65,60%) prevails the use of the form *cara* (35,40%). In the same way, we verified that in the same of the analyzed speech, the extralinguistic factors that most supports the use of the variant *rapaz* were, from most to least important: education (people with 0-4 years and 5-8 years of education) sex (male) and age (people with 26-49 years) and, among the linguistic factors, the position of the form in relation to the verb (isolated term) showed itself as an ally to the form *rapaz*.*

KEYWORDS: Treatment forms. Rapaz vs. Cara. Fortaleza's Speech.

1 Palavras iniciais

O sistema das formas de tratamento do português (doravante FT's) há tempos é amplamente discutido no cenário dos estudos da linguagem (PRETTI, 2004; DUARTE, 2010, 2011; MACHADO, 2010; SANTOS, 2012). O grande interesse pelo uso das FT's pode ser compreendido, ao menos em parte, em função de dois motivos. Primeiro, é notável a riqueza e multiplicidade de formas que compõem o sistema das FT's. A esse respeito, Cintra (1972), Preti (2004) e Duarte (2011; 2010) apontam que as FT no português não estão restritas apenas ao uso dos pronomes. Na verdade, as FT's podem ser representadas por formas pronominais, pronominalizadas e pelas formas nominais. Neste trabalho, ênfase é dada às formas nominais que, por sua vez, podem ser constituídas “por nomes próprios, prenomes, nomes de parentesco ou equivalentes, antecédidos de artigo, uso praticamente restrito ao português de Portugal ou, ainda, por uma grande variedade de nomes empregados como vocativos ou formas de chamamento” (PRETI, 2004, p. 185).

Em segundo lugar, são notáveis os ricos processos de variação e mudança linguística que envolvem as FT's atualmente no português do Brasil (doravante PB), isso porque, na grande maioria das vezes, encontramos mais de uma FT para referir o (s) mesmo (s) indivíduo (s) em nossas interações verbais.

Esse é o caso, por exemplo, das FT's nominais *rapaz* vs. *cara* no falar da cidade de Fortaleza, capital do estado do Ceará. Partindo do princípio de que tais variantes linguísticas são bastante recorrentes no falar da capital cearense, resolvemos investigar o referido fenômeno de variação em uma amostra de linguagem falada constituída por 53 informantes e retirada do banco de dados do projeto Norma Oral do Português Popular de Fortaleza (NORPOFOR). Nosso intuito é observar qual forma tende a prevalecer no falar do fortalezense, bem como procuramos analisar os fatores linguísticos (estrutura do verbo, posição em relação ao verbo, paralelismo, efeito gatilho, tipo de verbo, tópico discursivo, tempo verbal, tipo de entonação, tipo de relato e polaridade da sentença) e/ou extralinguísticos (faixa etária, escolaridade, sexo, grau de intimidade entre os informantes e grau de simetria entre os interlocutores) que condicionam o uso da variante *rapaz*.

Nossa hipótese inicial foi a de que a variante *rapaz* tende a ser mais usada do que o *cara* na amostra analisada neste estudo. Esperávamos também que a alta escolaridade, bem como o gênero masculino, favorecessem essa variante.

Para a elaboração deste trabalho, adotamos os pressupostos teórico-metodológicos da sociolinguística variacionista (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006; LABOV, 1994, 2006, 2008). Em linhas gerais, essa área de estudos, surgida em meados da década de 1960, tem se ocupado de observar, a seu modo, as relações entre linguagem e sociedade. Para tanto, a referida corrente de pensamento linguístico toma como principal objeto de estudo justamente os fenômenos de variação e mudança linguística. Um dos principais pressupostos da sociolinguística variacionista é o de que o uso das variantes linguísticas em um dado fenômeno de variação é devidamente condicionado por fatores linguísticos e extralinguísticos. Para observar o 'peso' com que cada fator interfere no comportamento de uma ou de outra variante, os dados coletados pelo pesquisador – sempre com base no uso real da língua – são submetidos a uma série de análises estatísticas. A partir disso, é possível correlacionar, em termos numéricos, o uso das variantes linguísticas tanto a fatores linguísticos como extralinguísticos.

Embora tenhamos apontado de início que o uso das FT's no PB há tempos é alvo do interesse de muitas pesquisas, o mesmo não pode ser dito em relação às FT's nominais pois, até o término deste estudo, não tomamos conhecimento de nenhum trabalho acerca do comportamento variável das FT's nominais *rapaz* vs. *cara* conduzido com base nos moldes da sociolinguística variacionista. Diante dessa lacuna, elaboramos este trabalho com o qual esperamos contribuir com a descrição do atual sistema de FT's nominais, mais especificamente na variedade de língua falada na cidade de Fortaleza – CE, a partir de uma também inédita amostra de fala. Acreditamos que a realização de um estudo como este é de suma importância para que possamos conhecer quais variantes linguísticas tendem a prevalecer em uma dada comunidade de fala, bem como identificar quais fatores linguísticos e/ou extralinguísticos condicionam o uso de nossas variantes, varrendo assim a ilusão do aparente caos linguístico ao quais os fenômenos de variação linguística foram durante

muito tempo associados (CALVET, 2002; ALKMIN, 2012; CAMACHO, 2012).

Este artigo está dividido em cinco seções com estas palavras iniciais e algumas considerações. Assim, na segunda seção, discutimos alguns dos pontos que marcam a compreensão das chamadas FT's. Na terceira seção, delineamos os principais passos metodológicos percorridos para a elaboração deste trabalho. Na quarta seção, por sua vez, apresentamos e discutimos os resultados alcançados com esta pesquisa.

2 Formas de tratamento: *alguns apontamentos*

Dentre os muitos achados dos trabalhos sobre o uso das FT desenvolvidos no rol dos estudos da linguagem, nos parece consenso, dentre os estudiosos, a ideia de que o uso das FT's está relacionado a muitos fatores ligados às inúmeras situações de interação verbal das quais participamos. Nesse sentido, Preti (2004) indica que fatores como intimidade, solidariedade, polidez, afetividade, reverência, hierarquia e poder, por exemplo, são fatores que podem influenciar o uso das FT's, fazendo com que, em determinadas situações de interação usemos uma ao invés de outra variante.

Ao observarmos os fatores apontados por Preti (2004) como possíveis favorecedores do uso de determinadas FT's, notamos que esses fatores não englobam apenas pontos ligados à situação de interação verbal, mas também aos tipos de relações que estabelecemos em nossos ciclos sociais, isto é, ao tipo de *status* social que ocupamos em função dos sujeitos com quem interagimos. Assim como as diversas normas que regem os comportamentos sociais, Preti (2004) atenta ainda que o *status* pode ser tanto um fenômeno adquirido como atribuído, mas que isso vai exigir do indivíduo determinados condutas consideradas convenientes para o *status* que ele ocupa. Assim,

Quando dizemos que a pessoa que ocupa um *status* deve subordinar-se a certos comportamentos, queremos referir-nos, de maneira ampla, não apenas a posturas éticas, mas também a aspectos ligados à sua representação física, à sua aparência, ao seu vestuário. E, também, à sua linguagem, componente importante na criação de sua imagem. Esse conjunto de normas relativas a cada *status* tem o nome de *papel social* (PRETI, 2004, p. 181, grifos do autor).

Tais apontamentos implicam dizer, dentre outras coisas, que, ao interagirmos com sujeitos mais velhos ou mais jovens, determinadas FT's tendem a prevalecer em nosso comportamento linguístico para referi-las. Assim é que, por exemplo, mesmo observações superficiais nos permitem dizer que as FT's *senhor/senhora* muito raramente aparecem no comportamento linguístico de

peças com idade avançada para referir sujeitos mais jovens. O contrário, contudo, não pode ser afirmado.

Ainda segundo Preti (2004), ao observarmos as formas de tratamento de solidariedade podemos encontrar uma ampla gama de expressões representadas pelas FT's nominais. Segundo o autor,

A expressão da solidariedade e dos vários graus de intimidade entre os falantes, com todos os seus elementos afetivos, está bem documentada nos vocativos e representada pelas formas nominais. Nelas se incluem o primeiro ou último nome dos falantes; os diminutivos e apelidos com que é tratado; as formas que o designam, como *homem, mulher, amigo, primo, menino, rapaça, meu rico senhor* e tantas outras (PRETI, 2004, p. 187-188, grifos do autor).

Para Campelo (2011), a metáfora antropofórica é um fenômeno que contribui para a compreensão da formação dos nomes próprios (antropônimos), das formas de tratamento lexicais (axiônimos) e gramaticais (proformas nominais pessoais). O foco deste estudo, conforme já indicamos, recai apenas, nos axiônimos, pois, de acordo com Campelo (2011),

A antropoforicidade diz respeito a toda e qualquer designação identificadora de seres humanos. Em assim sendo, a antropoforicidade abarca a antroponímia, entendida como a designação de seres humanos por meio de nomes próprios; a axionímia, entendida como a designação de seres humanos por meio de formas de tratamento lexicais; a proformalização pessoal, compreendida como a designação de seres humanos por meio de formas de tratamento gramaticais (formadas em português ou herdadas do latim) (CAMPELO, 2011, p. 136).

Trataremos da axionímia lexical democrática, que, segundo Campelo (2011, p. 145), “representa toda e qualquer forma nominal a que se empreste um caráter antropofórico, mas que não têm sido abonadas como formas de tratamento”. Contudo, são formas que são excluídas pela gramática normativa, que dá preferência à axionímia aristocrática.

3 Procedimentos metodológicos

3.1 O NORPOFOR e a amostra de fala

Conforme sinalizamos na introdução deste artigo, a amostra de linguagem falada usada neste estudo foi extraída do banco de dados do NORPOFOR. De acordo com Araújo (2011), o NORPOFOR foi desenvolvido com o objetivo de documentar e fornecer dados de língua falada em distintas situações de interação para estudo da variedade popular do português falado em Fortaleza – CE.

Em linhas gerais, o perfil dos informantes do NORPOFOR apresenta as seguintes características: i) são indivíduos nascidos em Fortaleza ou cearenses que vieram para essa capital com até 5 anos de idade; ii) pouco se afastaram da capital cearense, mas sempre que o fizeram foi por um período nunca superior a dois anos seguidos; iii) possuem residência fixa em Fortaleza e iv) todos possuem pais cearenses (ARAÚJO, 2011). Ao todo, o NORPOFOR conta hoje com 197 informantes, devidamente estratificados socialmente em função do sexo (homens e mulheres), da faixa etária (I: 15 a 25 anos, II: 26 a 49 anos e III: a partir dos 50 anos), da escolaridade (A: 0 a 4 anos, B: 5 a 8 anos, e C: 9 a 11 anos) e do tipo de registro (Diálogo entre Informante e Documentador: DID, Diálogo entre dois Documentadores: D2 e Elocução Formal: EF).

Para a realização deste estudo, selecionamos 53 falantes do número total de informantes que compõe o NORPOFOR, alojando três informantes em cada célula. A única exceção ocorre na célula que apresenta as seguintes características: sexo feminino, de menor faixa etária (15-25 anos), e de menor escolaridade (0-4 anos), por só termos disponível, no *corpus* do banco de dados, 2 informantes nesta célula. Assim, temos 27 informantes do sexo masculino e 26 do sexo feminino; 18 informantes nas duas últimas faixas etárias (26-49 e a partir de 50 anos) e nos dois últimos níveis de escolaridade (5 a 8 anos e de 9 a 11 anos) e 17 na primeira faixa etária (15-25 anos), assim como no primeiro nível de escolaridade (0-4 anos), como podemos visualizar no quadro 1.

Quadro 1 - Distribuição dos informantes por variáveis sociais controladas em nossa amostra

| Escolaridade Faixa etária | Sexo | | | | | |
|----------------------------------|----------------|----------------|-----------------|----------------|----------------|-----------------|
| | Masculino (M) | | | Feminino (F) | | |
| | 0 a 4 anos (A) | 5 a 8 anos (B) | 9 a 11 anos (C) | 0 a 4 anos (A) | 5 a 8 anos (B) | 9 a 11 anos (C) |
| 15 a 25 anos (I) | 3 | 3 | 3 | 2 | 3 | 3 |
| 26 a 49 anos (II) | 3 | 3 | 3 | 3 | 3 | 3 |
| a partir dos 50 anos (III) | 3 | 3 | 3 | 3 | 3 | 3 |

Fonte: Adaptado de Araújo (2011)

Conforme indicamos anteriormente, o NORPOFOR, a exemplo do projeto Norma Urbana Culta do Brasil (NURC)¹, apresenta três tipos de inquéritos: DID, D2 e EF. Desses três, utilizamos, nesta pesquisa, apenas os inquéritos do tipo D2 que pode ser considerada a gravação mais espontânea do NORPOFOR, já que esse é um tipo de inquérito, ao contrário do DID e do EF, constituído por dois informantes que, necessariamente, são amigos ou parentes (ARAÚJO, 2011). A opção por usarmos apenas inquéritos do tipo D2 pode justificar-se porque acreditamos que utilizar material com menor monitoramento, como no caso do D2, é imprescindível, para que seja possível saber qual a forma de tratamento nominal (*rapaz* vs. *cara*) mais utilizada na amostra estudada e quais são os fatores (linguísticos e extralinguísticos) motivadores de seu uso.

3.2 Variáveis

3.2.1 Variável dependente

Chamamos de fenômeno variável dependente, o uso alternado das formas de tratamento nominais *rapaz* vs. *cara*. Interessante colocar que esse fenômeno é denominado ‘dependente’ na literatura sociolinguística, tendo em vista que o uso das variantes – formas diferentes de referir a mesma coisa do ponto de vista do sistema (LABOV, 2008) - “não é aleatório, mas influenciado por grupos de fatores (ou *variáveis independentes*) de natureza social ou estrutural” (MOLLICA, 2012, p. 11, grifos nossos). Sobre as ocorrências das variantes *rapaz* e *cara*, em nossa amostra de fala, vejamos o excerto 1:

(1) Inf. 1: aí tem que ser golaço logo dele aí diz que o *cara* comentarista disse assim... diz que o o torcedor do Fortaleza passou embriagado aí chegou pra ele o *cara* diz “*rapaz* tu assistiu o jogo?” aí o o torcedor “*rapaz* assistiu quanto é que foi?” “*rapaz* foi de dois a um pro Fortaleza” aí o *cara* que conversa que foi de dois a um pro Forta/ “tá ficando doído macho dois a um pro Fortaleza de quem foi o gol me diga aí diga aí de quem foi o gol?” (D2 14)

¹ O Projeto da Norma Linguística Urbana Culta (NURC) foi criado, pelo professor Nélson Rossi, em âmbito nacional, em 1969, selecionando as cinco cidades do Brasil com mais de 1 milhão de habitantes. O NURC tinha inicialmente o objetivo de documentar e descrever a norma objetiva do português culto falado em cinco capitais brasileiras: Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador e Recife. Seriam 600 informantes (300 do sexo masculino e 300 do sexo feminino) com nível superior de escolaridade, nascidos na cidade sob estudo ou residentes aí desde os cinco anos de idade, filhos de falantes nativos de língua portuguesa, de preferência nascidos na cidade sob pesquisa (SILVA, 1996, p. 85).

Ressaltamos que, no caso da variante *rapaz*, não fizemos distinções fonéticas entre as formas *rapaz*, *rapaiç* e *rapá*².

3.2.2 Variáveis Independentes

Em termos simples, são denominadas de variáveis independentes o conjunto de fatores, tanto de natureza linguística como extralinguística, que não dependem de nenhum outro fator, mas, sobre a variável dependente, podem exercer pressão, aumentando ou diminuindo a frequência de uso das variantes que a constituem (MOLLICA, 2012). A observação atenta das variáveis independentes em uma pesquisa sociolinguística variacionista é de suma importância não somente para observar quais fatores linguísticos e sociais favorecem ou inibem o uso de uma dada variante, mas também para assegurar que seu uso nunca acontece de modo aleatório, caótico.

Tendo em vista que, até a realização deste trabalho, não tomamos conhecimento de estudos variacionistas no PB que abordam as Ft's nominais *rapaz* e *cara* – o que nos deixou sem parâmetros para seguir quanto à seleção das variáveis independentes de natureza linguística e sociais – optamos por testar a atuação de variáveis linguísticas apontadas como mais relevantes em estudos variacionistas sobre as formas de tratamento pronominais (ANDRADE, 2010; PERES, 2006; ALVES, 2010; NASCIMENTO, 2011; FRANCESCINI, 2011). Já a seleção das variáveis extralinguísticas, se deu com base no perfil social dos informantes de nossa amostra.

Assim, foram controladas 10 variáveis linguísticas, a saber: a) estrutura do verbo (verbo simples, verbo composto, locuções verbais); b) posição em relação ao verbo (antes do verbo e depois do verbo); c) paralelismo (com paralelismo- primeiro da série; com paralelismo- não primeiro da série; forma de tratamento isolada); d) efeito gatilho (com efeito gatilho e sem efeito gatilho); e) tipo de verbo (*dicendi*, epistêmico, estado, ação, verbo ter); f) tópico discursivo (conversas casuais, conversas relacionadas ao trabalho, conversas sobre relacionamento amoroso, observações irônicas/brincadeiras, conversa sobre terceiros, recordações, religião e repreensão); g) tempo verbal (presente do indicativo, pretérito perfeito do indicativo, pretérito imperfeito do indicativo, presente do subjuntivo, pretérito imperfeito do subjuntivo, futuro do subjuntivo, infinitivo pessoal); h) tipo de entonação (interrogativa e não interrogativa); i) tipo de relato (original e reportado); e j) polaridade da sentença (negativa e afirmativa).

Investigamos também 5 variáveis extralinguísticas: a) faixa etária (I - 15 a 25 anos; II- 26 a 49 anos; III - a partir de 50); b) escolaridade (nenhum a 4 anos; 5 a 8 anos; 9 a 11 anos); c) sexo (masculino e feminino); d) grau de intimidade entre os informantes (alto e baixo); e e) grau de simetria entre os interlocutores (muito simétrico, totalmente assimétrico, parcialmente simétrico e parcialmente assimétrico).

² Destacamos, entretanto, que isso pode ser objeto de estudo em um trabalho futuro.

3.3 Levantamento de dados e ferramenta de análise estatística

Após a seleção dos informantes, bem como a delimitação das variáveis dependente e independente controladas neste trabalho, ouvimos os 53 inquiridos que compõem nossa amostra e tabulamos todas as ocorrências das variantes *rapaz* vs. *cara*. Pontuamos que, para essa fase do trabalho, não usamos nenhum programa computacional, ou seja, os dados foram coletados de oitiva. Em seguida, codificamos os dados para, então, submetê-los às análises quantitativas fornecidas pelo pacote de programas computacionais GoldVarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005), largamente utilizado pelos pesquisadores variacionistas, para obter resultados mais precisos nos estudos descritivos da língua.

O GoldVarb X indica, dentre outras coisas, a frequência de uso das variantes estudadas, bem como as variáveis relevantes para uma determinada regra de aplicação. Os valores fornecidos pelo GoldVarb X são traduzidos em termos de porcentagens e pesos relativos. Sobre a observação de uma variável binária, ou seja, que comporta duas variantes linguística – caso das formas de tratamento nominais *rapaz* vs. *cara*, observadas por nós – Scherre e Naro (2010), assim como Guy e Zilles (2007), informam que: abaixo de 0,50, o fator pode ser considerado desfavorecedor da regra variável e, acima de 0,50, é tido como favorecedor; já 0,50 é considerado o ponto neutro, ou seja, não favorece nem desfavorece a regra analisada.

Frisamos que todas as nossas rodadas foram realizadas em função da variante *rapaz*, isso porque acreditávamos que essa variante poderia ser a mais recorrente na fala dos informantes selecionados para este estudo.

4 Apresentação e discussão dos resultados

Para a rodada inicial, obtivemos 201 ocorrências para a variação entre *rapaz* vs. *cara*. No entanto, como ocorreram nocautes³, foi preciso excluir os seguintes fatores, por não apresentarem dados para *cara*: a) escolaridade entre 9-11 anos (51 dados para *rapaz*); b) posição depois do verbo (02 dados para *rapaz*); c) verbo recuperado pelo contexto (01 dado para *rapaz*); d) locuções verbais (02 dados para *rapaz*); e) futuro do indicativo (01 dado para *rapaz*); f) modo imperativo (02 dados para *rapaz*); g) pretérito perfeito (01 dado para *rapaz*); h) verbo *dicendi* (01 dado para *rapaz*); i) verbo epistêmico (01 dado para *rapaz*); j) totalmente assimétrico (15 dados para *rapaz*); k) parcialmente simétrico (09 dados para *rapaz*); l) repreensão (05 dados para *rapaz*); m) recordações (17 dados para *rapaz*); n) brincadeira/observações irônicas (04 dados para *rapaz*); o) fofocas (02 dados para *rapaz*).

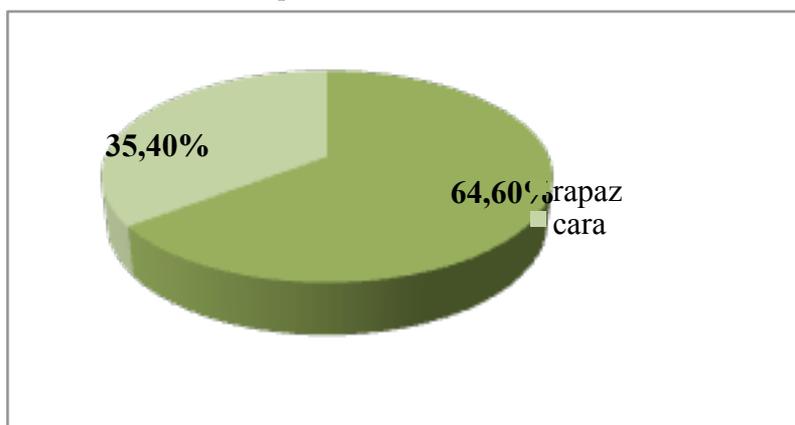
Além disso, foram registrados dois grupos de fatores apresentando dados para um fator único, isto é, um *singleton group*: um na variável tipo de relato, por ter apresentado, no fator discurso reportado, 33 dados apenas para

³ Dizemos que ocorre nocaute quando “um fator que, num dado momento da análise, corresponde a uma frequência de 0% ou 100% para um dos valores [variantes] da variável dependente” (GUY; ZILLES, 2007, p. 158).

rapaz e outro, no efeito gatilho, possuindo apenas dados para *rapaz* (21 ocorrências), para o efeito *gatilho*. Por isso, foi preciso retirar tais grupos.

Na segunda rodada, após as exclusões dos fatores e grupos de fatores detalhados acima, restaram 130 dados, contudo, ainda ocorreram *singleton groups*, em duas variáveis: a) tempo verbal, por só ter dados (03) para *cara* no presente do indicativo; b) tipo de verbo, em que os verbos com indicação de ação (02 dados para *cara*) e estado (01 dado para *cara*) não apresentaram dados para *rapaz*. Após a exclusão destes dois grupos de fatores, continuamos com os 130 dados, distribuídos da seguinte forma: 84 para *rapaz* (64,6%) e 46 para *cara* (35,4%). De acordo com esses resultados, constatamos que, no uso alternado entre as formas de tratamento nominais *rapaz* vs. *cara*, o uso de *rapaz* ocorre com maior frequência, em relação à *cara*, no falar de Fortaleza – CE, conforme indica o gráfico 1.

Gráfico 1: Percentuais obtidos para as variantes *rapaz* e *cara* após a retirada dos nocautes



Fonte: Elaborado pelas autoras.

Submetidos os 130 dados à análise do GoldVarb X, vimos que o *step up* 32 (*Input* 0.867, *Log likelihood* = -29.989, *Significance* = 0.017) foi a melhor rodada. Das 11 variáveis independentes submetidas à análise, apenas 04 foram selecionadas pelo programa. Por ordem de relevância, foram elas: *escolaridade*, *sexo*, *faixa etária* e *posição da forma em relação ao verbo*. Já as variáveis: *estrutura de verbo*, *grau de simetria*, *grau de intimidade*, *tipo de fala*, *paralelismo*, *polaridade* e *entonação* foram descartadas pelo programa. A seguir, apresentamos mais detalhadamente, os resultados obtidos para cada variável selecionada por ordem de relevância.

A) Escolaridade

Tabela 1: Atuação da escolaridade sobre a forma *rapaz* (*rapaz* x *cara*)

| | Aplica/Total | % | P.R. |
|--------------------|--------------|------|-------|
| <i>0 a 4 anos</i> | 32/34 | 94,1 | 0,847 |
| <i>5 a 8 anos</i> | 45/53 | 84,9 | 0,731 |
| <i>9 a 11 anos</i> | 7/43 | 16,3 | 0,070 |

Fonte: Elaborado pelas autoras.

A escolaridade foi a primeira variável selecionada como estatisticamente relevante para este trabalho. Os resultados obtidos para essa variável, de acordo com a tabela 1, indicam que a menor escolaridade é a que mais favorece o uso de *rapaz* (94,1% e 0,847), bem como a escolaridade média (84,9% e 0,731), enquanto os mais escolarizados são os que inibem o uso da variante *rapaz* (16,3% e 0,070).

O fato de nossos dados apontarem que os falantes com menos escolaridade são aqueles que mais favorecem o uso da variante *rapaz*, pode ser indício de que essa é uma forma neutra, na linha de raciocínio de Soares (1980, p.56, grifos da autora), segundo a qual, “há [...] formas neutras de igual para igual usadas para expressar informalidade como *moço* (*a*), *rapaz*, *chefe*, *amigo*, *colega*, e, com frequência, o *nome próprio*”.

A partir dos resultados obtidos, somos levadas a crer que a variante *rapaz*, usada principalmente pelos menos escolarizados, ocorre em situação de alta intimidade de forma neutra.

B) Sexo

Tabela 2: Atuação do sexo sobre a forma *rapaz* (*rapaz* x *cara*)

| | Aplica/Total | % | P.R. |
|------------------|--------------|------|-------|
| <i>Masculino</i> | 82/122 | 67,2 | 0,562 |
| <i>Feminino</i> | 2/8 | 25 | 0,022 |

Fonte: Elaborado pelas autoras.

A variável sexo foi a segunda variável selecionada pelo GoldVarb X. Na tabela 2, os pesos relativos obtidos para os fatores que compõem a referida variável (homens e mulheres) mostram que os falantes do sexo masculino são aliados no uso da forma *rapaz* (67,2% e 0,562), enquanto as mulheres (25% e 0,022) desfavorecem-na.

É importante destacar a discussão que paira sobre os termos gênero e sexo. Isso se deve ao fato de, por muito tempo, terem sido tratados como sinônimos. Enquanto o sexo é atribuído por uma questão biológica, o gênero é atribuído pelo seu papel social, o que o torna mais viável para o estudo

(ECKERT, 1989; ECKERT; MCCONNELL-GINET, 2003). Dessa forma, tratamos esta variável como sexo em virtude do nosso banco de dados ter dado preferência ao sexo biológico, quando se fazia o contato com o informante.

Sobre as diferenças na fala de homens e mulheres, Paiva (2010, p. 35) afirma que as diferenças linguísticas entre homens e mulheres “refletem mais do que diferenças biológicas, diferenças no processo de socialização e nos papéis que cada comunidade atribui a homens e mulheres”. Por sua vez, Labov (2008[1972]) assevera que as mulheres tendem a optar pela variante de prestígio. O autor atesta que, na fala monitorada, elas usam as formas consideradas estigmatizadas em menores proporções do que os homens e optam também pela forma de prestígio. Além de usar a variante prestigiada, segundo o autor, na fala casual, as mulheres tendem a usar a variante inovadora e tendem a se corrigir mais que os homens nos contextos formais.

Assim, pode-se dizer que homens e mulheres, mesmo vivendo na mesma comunidade de fala, procuram meios diferentes para se comunicar. A escolha pela norma padrão, por parte das mulheres, deve-se a vários fatores, dentre eles, estudiosos acreditam que seja devido às pressões sociais. Consideradas como “sexo frágil”, é necessário quebrar preconceitos para serem aceitas e isso reflete nas escolhas linguísticas. De acordo com nossa amostra, quando estão em uma relação de solidariedade, os homens preferem a variante *rapaz*, forma considerada neutra, conforme apontado por Soares (1980). No entanto, salientamos que nosso estudo revela que, no grau de simetria, as duas formas não estão presentes em nenhuma conversa envolvendo mulher e homem, pois os interlocutores estão sempre se relacionando com pessoas do mesmo sexo, quando a usam. Além disso, a quantidade de dados mostra que essas formas são pouco produzidas por mulheres, visto que encontramos apenas oito ocorrências, no total⁴.

Um dado importante de ressaltar é que, em toda nossa amostra, as mulheres utilizam *cara* somente entre elas. Já o uso do *rapaz* foi encontrado entre mulheres e mulheres com homens.

C) Faixa etária

Tabela 3: Atuação da faixa etária sobre a forma *rapaz* (*rapaz* x *cara*)

| | Aplica/Total | % | P.R. |
|--------------------------------|--------------|------|-------|
| Faixa etária I (15 a 25 anos) | 30/72 | 41,7 | 0,148 |
| Faixa etária II (26 a 49 anos) | 54/58 | 93,1 | 0,898 |

Fonte: Elaborado pelas autoras.

A faixa etária foi selecionada como a terceira variável relevante para este estudo. Os pesos da tabela 3 mostram que a faixa etária dos adultos é a única que privilegia (0,898) a variante *rapaz*, ao passo que os mais jovens (0,148) inibem seu uso. É bom lembrar que a escolaridade entre 9-11 anos apresentou 51 dados para *rapaz*, mas nenhum para a forma *cara*. Em virtude de apresentar esse comportamento categórico, este fator foi excluído desta rodada.

⁴ Inicialmente foram encontradas 21 ocorrências, 15 para *rapaz* e 6 para *cara*.

Considerando que os homens foram o que mais produziram a forma *rapaz*, os resultados mostram que essa variante é muito mais usada em relações de solidariedade entre falantes do sexo masculino e que os homens adultos preferem formas mais neutras a formas mais características de determinada idade, como *cara*. Desse modo, podemos dizer que, enquanto os mais jovens preferem formas que marquem a idade, os de idade mediana (adultos) preferem usar formas mais neutras.

D) Posição em relação ao verbo

Tabela 4: Atuação da posição em relação verbo sobre a forma *rapaz* (*rapaz* x *cara*)

| | Aplica/Total | % | P.R. |
|-----------------------|--------------|------|-------|
| <i>Isolado</i> | 83/126 | 65,9 | 0,532 |
| <i>Antes do verbo</i> | 1/4 | 25 | 0,018 |

Fonte: Elaborado pelas autoras.

A última variável selecionada foi a posição da forma em relação ao verbo. Os dados mostram, conforme podemos ver na tabela 4, que a forma *rapaz* é, levemente, favorecida quando vem isolada (0,532), ao contrário do que acontece quando vem antes de verbo (0,018), posição em que a referida variante não é favorecida em nossa amostra.

É importante notar que o fator isolado apresenta um peso relativo quase neutro (0,532). Observamos também que o uso antes do verbo é pouco produtivo para as duas variantes, *rapaz* e *cara*, pois, de um total de 04 dados, só um corresponde à variante *rapaz*. É válido salientar que estas duas formas ocorrem mais quando o verbo não se refere ao vocativo, como mostra o excerto abaixo.

Inf. 1: aí tem que ser golaço logo dele aí diz que o cara comentarista disse assim... diz que o o torcedor do Fortaleza passou embriagado aí chegou pra ele o cara diz “rapaz tu assistiu o jogo?” aí o o torcedor “*rapaz* assisti quanto é que foi?” “*rapaz* foi de dois a um pro Fortaleza” aí o cara que conversa que foi de dois a um pro Forta/ “tá ficando doido macho dois a um pro Fortaleza de quem foi o gol me diga aí diga aí de quem foi o gol?” aí o menino disse “né um do/ do/ do Fortaleza um do Cruzeiro e o outro do Fortaleza né (D2 14).

A partir disso, notamos que os homens em fase adulta e de menor escolaridade são os maiores aliados da variante *rapaz*. No entanto, não podemos dizer que essa forma é estigmatizada pela população, pois ocorre de forma neutra, em geral, em relações de solidariedade. Mulheres também a usam, conforme vimos nos nossos inquéritos, mas seu uso é muito reduzido.

5 Considerações finais

Com este estudo, vimos que o uso alternado das FT's nominais *rapaz* vs. *cara* é um fenômeno bastante recorrente na amostra de fala estudada. Constatamos também que a variante *rapaz*, em conformidade com que esperávamos inicialmente, tende a ser mais usada pelo falante fortalezense. De igual modo, verificamos que, do ponto de vista linguístico, a única variável relevante para a realização da variante *cara* é a *posição em relação ao verbo*. Mais especificamente, com a variável posição em relação ao verbo, constatamos que apenas o fator *isolado* condiciona o uso da variante *cara*. Em outras palavras, este estudo indicou que, na amostra analisada, o *cara* é favorecido quando aparece isolado, ou seja, quando a variante em questão não antecede nenhum verbo.

Do ponto de vista extralinguístico, vimos que as variáveis *escolaridade*, *sexo* e *faixa etária*, nessa mesma ordem, são pertinentes para o uso da variante *rapaz*. Em linhas gerais, a escolaridade indicou os falantes com menor escolarização (0-4 anos) e com escolarização média (5-8 anos) como aliados do emprego da forma *rapaz*, ao contrário dos falantes com maior escolaridade (9-11 anos) que inibiram o uso da variante em questão. Com a variável *sexo*, verificamos que apenas os homens privilegiam o uso de *rapaz*, enquanto as mulheres desfavorecem essa variante. Já, com a variável faixa etária, vimos que apenas os falantes com 26 – 49 anos favoreceram o uso da forma *rapaz*.

Ao término deste trabalho, estamos convencidas de que os resultados encontrados neste estudo contribuem com a descrição sociolinguística do português brasileiro falado atualmente, mais precisamente na comunidade de fala de Fortaleza – CE. Esperamos, na medida do possível, contribuir com outros estudos sobre a realização variável de *rapaz* vs. *cara* não só na cidade de Fortaleza, mas também em outras variedades linguísticas do Brasil. Naturalmente, estamos cientes das limitações deste trabalho, tendo em vista que, seguindo critérios metodológicos, optamos por trabalhar apenas com inquéritos do tipo D2, descartando assim a possibilidade de observar a variação entre *cara* vs. *rapaz* em outros contextos de fala, como o DID e EF. Pela mesma razão, analisamos apenas dados do falar popular de Fortaleza, não possibilitando estudar a variação *rapaz* vs. *cara* no falar tido como culto da capital cearense. Contudo, essas lacunas não diminuem a relevância deste estudo, apenas nos indicam pontos a serem tratados em um possível trabalho futuro.

REFERÊNCIAS

ALKMIN, T. M. Sociolinguística parte I. In: MUSSALIN, F.; BENTES A. C. (Org.). **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras**. 9. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2012. p. 23-50.

ALVES, C. C. B. **O uso do tu e do você no português falado no Maranhão**. 2010. 143f. Dissertação (Mestrado em Linguística)- Universidade Federal do

Ceará, Fortaleza, 2010. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br:8080/ri/bitstream/123456789/3606/1/2010_diss_CCBALVES.pdf>. Acesso em: 05 jan. 2017.

ANDRADE, C. Q. **Tu e mais quantos?** A segunda pessoa na fala brasileira. 2010. 139f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística)- Universidade de Brasília, Brasília, 2010. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10482/7005>>. Acesso em: 05 fev. 2017.

ARAÚJO, A. A. de. CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOSOFIA. Rio de Janeiro. O Projeto Norma Oral Do Português Popular de Fortaleza – NORPOFOR. **Anais...** Cadernos do CNLF. Rio de Janeiro: CIFEFiL, v. XV, n° 5, p. 835-845, 2011. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/xv_cnlf/tomo_1/72.pdf>. Acesso em: 12 Jan. 2015.

CALVET, L. J. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.

CAMACHO, R. G. Sociolinguística parte II. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. (Orgs.). **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras**. 9. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2012a. p. 51-83.

CAMPELO, K. M. A contribuição da metáfora antropofórica para a compreensão da formação dos nomes próprios (antropônimos) e das formas de tratamento lexicais (axiônimos) e gramaticais (proformas nominais pessoais). In: **Veredas** (PPG Linguística/UFJF). Juiz de Fora, v.2, p. 133-152. 2011. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2011/05/artigo-112.pdf>>. Acesso em: 16 jan. 2017.

CINTRA, L. F. Sobre “formas de tratamento” na língua portuguesa. Lisboa: Livros Horizonte. 1972.

DUARTE, I. M. Formas de tratamento: item gramatical no ensino do Português Língua Materna. In: **Gramática: história, teorias, aplicações**. Porto, Universidade do Porto, Faculdade de Letras, p. 133- 146, 2010. Disponível em: <<http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/25334/2/isabelduarteformas000100229.pdf>> Acesso: 02 Jan. 2017.

DUARTE, I. Formas de tratamento em português: entre léxico e discurso. In: **Matraga**. v.18, n. 28. Rio de Janeiro: jan./jun. 2011. Disponível em: <<http://www.pgletras.uerj.br/matraga/matraga28/arqs/matraga28a03.pdf>>. Acesso em: 02 Jan. 2017.

ECKERT, P. The whole woman: Sex and gender differences in variation. **Language Variation and Change**. Cambridge University, p.245-268, 1989. Disponível em: <<https://web.stanford.edu/~eckert/PDF/WholeWoman.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2017.

ECKERT, P. McCONNELL-GINET, S. **Language and Gender**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

FRANCESCHINI, L. T. **Variação pronominal Nós/A gente e Tu/Você em Concórdia-SC**. 2011. 152f. Tese (Doutorado em Letras)- Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011. Disponível em: <<http://dspace.c3sl.ufpr.br/dspace/handle/1884/27214>>. Acesso em: 05 jan. 2017.

GUY, G. R.; ZILLES, A. **Sociolinguística Quantitativa: instrumental de análise**. São Paulo-SP, Parábola Editorial, 2007.

LABOV, W. **Principles of linguistic change: internal factors**. Oxford: Blackwell, 1994. p. 156-159. Disponível em: <http://eng.sagepub.com/content/25/2/156.extract>. Acesso em: 28. Jan. 2017

LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo-SP, Parábola Editorial, [1972], 2008.

LABOV, W. **Principios del cambio lingüístico: factores sociales**. Tradução de Pedro M. Butragueño. Madrid: Editorial Gredos, 2006.

MACHADO, A. L. G.. **Relações sociais como fatores decisivos no uso de pronomes de tratamento de 2ª pessoa**. In: VI Simpósio Nacional Estado e Poder: cultura, 2010, São Cristóvão. **Anais ...** 2010. Disponível em: <<http://www.historia.uff.br/estadoepoder/6snepc/GT8/GT8-ANA.pdf>>. Acesso: 02 jan. 2017.

MOLLICA, M. C. A relevância das variáveis não linguísticas. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Org.). **Introdução à Sociolinguística**. São Paulo: Editora Contexto, 2012. p.27-31.

NASCIMENTO, I. B. **O uso variável do pronome de segunda pessoa *você(s)/cê(s)* na cidade de São Paulo**. 2011. 217f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Curso de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral. Faculdade de Letras, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: < <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-06062011-155117/pt-br.php>>. Acesso em 05 jan. 2017.

PRETI, D. **Estudos de língua oral e escrita**. (Série Dispersos). Rio de Janeiro: Ed. Lucena, 2004.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S. A; SMITH, E. **Goldvarb X: A multivariate analysis application**. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics, 2005. Disponível em: <<http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/goldvarb.html>>. Acesso em: 17 Nov. 2015.

SANTOS, V. M. **“Tu vai para onde?... Você vai para onde?: manifestações da segunda pessoa na fala carioca**. 2012. 137f. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Curso de Pós-Graduação em Letras Vernáculas. Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

Disponível em: <
<http://www.lettras.ufrj.br/posverna/mestrado/SantosVM.pdf> >. Acesso em:
05 fev. 2017.

SCHERRE, M. M. P; NARO, A. J. Análise quantitativa e tópicos de interpretação do Varbrul. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo-SP, Editora Contexto, p. 147-177, 2010.

SILVA, L. A. Projeto NURC: histórico. **Linha d'Água**, São Paulo, n.10, p.83-90, 1996. Disponível em <<http://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/viewFile/37169/39890>>. Acesso em: 20 jan. 2017.

SOARES, M. E. **As Formas de tratamento nas interações comunicativas: uma pesquisa sobre o português falado em Fortaleza**. 1980. 157f. Dissertação (Mestrado em Letras). PUC/ Rio, Rio de Janeiro, 1980.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução de M. Bagno. São Paulo-SP: Parábola Editorial, 2006.

Recebido em março de 2017.

Aprovado em agosto de 2017.

Publicado em dezembro de 2017.

SOBRE AS AUTORAS

Aluiza Alves de Araújo é doutora e mestre em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e graduada em Letras pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Atualmente é professora adjunta do curso de graduação em Letras e da Pós-Graduação em Linguística Aplicada do Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará. Atua na área de Linguística, com ênfase em Sociolinguística Variacionista.
E-mail: aluizazinha@hotmail.com.

Tatiane de Araújo Almeida Studart Guimarães é doutoranda e mestre em Linguística Aplicada pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Graduada em Letras pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR) e especialista em Ensino de Língua Portuguesa pela UECE. Atua na área de Letras com ênfase em Linguística e Sociolinguística Variacionista.
E-mail: tatianeasguimaraes@gmail.com.

Maria Lidiane de Sousa Pereira é doutoranda e mestre em Linguística Aplicada pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual do Ceará

(UECE). Graduada em Letras pela Universidade Regional do Cariri (URCA). Atua na área de Letras com ênfase em Linguística, Sociolinguística Variacionista e Língua Portuguesa. E-mail: lidianep.sousa@hotmail.com.